

ESPORTE MODERNO E EDUCAÇÃO BURGUESA: IMAGENS DO CARÁTER ESPORTIVO NO FILME CARRUAGENS DE FOGO

Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra¹

Prof. Rafael Stein Pizani

Universidade Estadual de Campinas

Campinas, Brasil

vterra@unifesp.br

rafaelspizani@hotmail.com

Recebido em 1º de outubro de 2008

Aprovado em 3 de dezembro de 2008

Resumo

Este trabalho discute as origens do esporte moderno como projeto educativo de formação e cultivo do caráter do indivíduo burguês. Conduzidos por uma leitura do filme Carruagens de Fogo, faremos uma discussão histórica acerca das imagens e memórias do caráter esportivo nele presentes. A origem, os diálogos e as condutas sociais dos três principais personagens do filme conduzirão nossa leitura com o intuito de proporcionar uma discussão sobre o caráter esportivo por eles assumido ao longo do filme, fazendo-nos refletir, portanto, sobre as memórias do esporte e sua relação com a educação burguesa.

Palavras-chave: esporte moderno; cinema; educação.

Abstract

Modern sport and bourgeois education: images of the sports character in the film Chariots of Fire

This work argues about the origins of modern sport as an educative project of formation and cultivation of the character of the individual bourgeois. Led by an analysis of the film Chariots of Fire, we will make a historical debate concerning the images and memories of the sports character. In this text, we will approach three characters of the film, using their dialogues, significant situations and characteristics with intention of providing a deepened debate on the sports character assumed by them

¹. Membro pesquisador do grupo CORPO - Grupo de Pesquisas Corpo e Educação, sediado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Assistente da Gerência de Estudos e Desenvolvimento do SESC São Paulo.

throughout the story, bringing us to a reflexion on the appropriation and use of the sport and its relation with the bourgeois education.

Keywords: modern sport; cinema; education.

Introdução: esporte, o cinema e a história

“Existe um outro tipo de linguagem, uma outra forma de comunicação: a comunicação através de sentimentos e imagens. Trata-se do contato que impede as pessoas de se tornarem incomunicáveis e que põe por terra as barreiras (...). A tela se amplia, e o mundo, que antes se encontrava separado de nós, passa a fazer parte de nós, tornando-se uma coisa real... (TARKOVSKI, 1998, pp.8-9).”

O esporte é objeto de estudo de pesquisadores da Educação Física como também de diversas outras áreas do conhecimento, sobretudo das ciências humanas, sendo abordado de diversas maneiras e sob a ótica de muitos referenciais teóricos.

Várias hipóteses foram levantadas quanto à sua gênese, dentre estas: o esporte como jogo institucionalizado (HUIZINGA, 1993); como culto ritualizado, na forma de canalizar o comportamento agressivo para uma atividade socialmente aceitável (DUNNING, ELIAS, 1992); como identificação com um coletivo, satisfazendo uma necessidade de pertencimento social (HOBSBAWM, 1988); ou ainda como ocupação do tempo livre que surge com a delimitação clara entre tempo de trabalho e de não trabalho (BRACHT, 2005), configurando uma íntima relação com o lazer.

Acreditamos que seja difícil tratar o esporte através de apenas um viés, uma vez que este é um fenômeno complexo, o qual exige compreensão além de sua gênese, compreendendo também a sociedade em que está inserido e os seus propósitos como instituição.

A iniciativa deste trabalho vem como forma de responder às inquietações que surgiram durante o curso de graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas na disciplina MH103 - História da Educação Física e Esportes do Brasil.

Dentre os trabalhos realizados nesta disciplina², está um que se propunha a fazer uma discussão sobre o papel do esporte na formação educacional e política da burguesia inglesa a partir de uma leitura do historiador inglês Eric J. Hobsbawm e do filme “Carruagens de Fogo” (*Chariots of Fire*).

Este trabalho, portanto, tem por objetivo, a partir da análise do filme Carruagens de Fogo como um produto da sociedade contemporânea, que veicula memórias sobre a origem do esporte e suas relações com a educação burguesa, tecer uma discussão acerca das origens do esporte moderno como projeto pedagógico e educativo, e importante meio utilizado para a formação e cultivo do caráter do indivíduo burguês.

Para esta tarefa, nos propusemos a fazer uma pesquisa bibliográfica, recorrendo a autores que propõem uma discussão sobre o esporte como também a utilização de um tipo diferenciado de mídia, o cinema, a partir do filme Carruagens de Fogo, por acreditarmos que este é mais uma possibilidade de fonte na pesquisa histórica, nos levando a uma discussão sobre esporte ao apresentar diferentes elementos sobre este fenômeno, uma vez que concordamos com Almeida (2001, p.8) ao dizer

[...] que nós mesmos, em parte, e uma maioria, totalmente, estamos formando nossa inteligibilidade do mundo a partir das imagens e sons das produções do cinema e da televisão. [Sendo assim] [...] é importante não ver o cinema [apenas] como recurso didático ou ilustrativo, mas vê-lo como objeto cultural, uma visão de mundo de diferentes diretores e que tem uma linguagem que performa uma inteligência verbal e, ao mesmo tempo, uma linguagem diferente da linguagem verbal.

O estudo dos filmes como fonte histórica foi defendido por Marc Ferro (FERRO *in* LE GOFF e NORA, 1976) na perspectiva de uma contra-análise da sociedade. Menos atentos ao caráter discursivo, autêntico ou subversivo do cinema, tomamos o filme como uma produção cultural típica da sociedade industrial, um potente produtor de

². Entre 2004 e 2006, esta disciplina foi ministrada pelo Prof. Dr. Vinicius Terra na FEF/UNICAMP. Neste período, o Prof. Rafael Pizani foi seu aluno.

sentidos, uma obra comercial aberta que elabora memórias e se apresenta como verdade, pois “A oralidade assim configurada tem uma força de verdade, verdadeira” (ALMEIDA, 1994, p. 10). Tomado como matéria de conhecimento, procuramos no cinema a construção desta força de verdade, dada pela forma de construção de uma narrativa por meio de uma linguagem específica feita de imagens e sons, toda ela cunhada pelas tensões entre os limites técnicos, a expressividade autoral e suas recepções históricas. Trata-se, por isto, de uma produção cultural conflituosa, aberta e inconclusa.

Nesta pesquisa, construiremos uma leitura da obra cinematográfica a partir do seguinte problema: como o esporte age na formação do caráter burguês?

Ao eleger uma prova de atletismo dos Jogos Olímpicos de 1924 como clímax do filme *Carruagens de Fogo*, seu diretor nos apresenta uma série de conflitos de valores presentes entre os competidores frente a um evidente processo de modernização e racionalização do esporte, construindo toda a narrativa do filme em torno das diferentes origens destes competidores e dos diferentes sentidos atribuídos ao esporte por cada um deles, destacando as funções morais do esporte dentro da universidade inglesa. Atentos a este aspecto, nossa leitura do filme será conduzida pela relação que os três personagens principais estabelecem frente ao processo de transformação do esporte impellido pelo espírito burguês.

Sendo assim, este trabalho terá um viés histórico, entendendo a História, assim como Marc Bloch, como a “ciência dos homens no tempo”, não estudando apenas o passado, como se este não possuísse ligação alguma com o presente ou ainda, como se houvesse uma linha ou uma espécie de marcação que determinasse o término de um e o começo do outro, mas sim partindo de um problema, uma inquietação presente e

recorrendo ao passado para entendê-la, ou seja, estudar o passado para compreender o presente.

Seguindo tal abordagem, o esporte seria revelado nos seus momentos de transformação, de salto histórico, vinculados às mudanças sociais. Ao tomar um formato moderno, a partir do fim do século XIX, as práticas corporais transformaram-se e revelaram-se de outra forma, a partir das suas novas características e de outras esquecidas, de seus novos sentidos e dos sentidos da sociedade na qual estavam inseridas, delimitando um fenômeno tipicamente moderno, o esporte.

Estas transformações não passaram despercebidas pela sociedade. Nós também narramos estas transformações para as gerações futuras, como se contássemos histórias. Numa sociedade de massa, o cinema é uma destas formas de se contar as histórias: digamos, pois, que o cinema é um poderoso produtor de memórias e estas memórias são carregadas de idéias, ideologias e tomadas de consciência dos autores que as criam. Ao analisarmos um filme, não queremos saber como o esporte era verdadeiramente. Menos pretensiosa, a pesquisa quer analisar como a história da modernização do esporte é contada dentro de um dos mais poderosos meios de difusão de histórias do mundo atual – o cinema.

O filme Carruagens de Fogo

O filme Carruagens de Fogo trata da história de dois corredores britânicos que vivem conflitos frente à modernização do esporte. Um destes é Harold M. Abrahams, um estudante judeu que corre para se provar e escapar dos preconceitos colocados pela sociedade burguesa e o outro chamado Eric Liddell, um missionário devoto que corre em nome de Deus. Há também neste contexto outros personagens que, embora

coadjuvantes, nos chamam a atenção por suas condutas e influências na história dos demais personagens e, portanto, no enredo do filme. Este é o caso de Lord Lindsay, um estudante inglês e membro da nobreza, o qual corre somente por diversão. Não podemos esquecer ainda que estes personagens representam os integrantes da equipe britânica que conseguiu, na realidade, uma das maiores vitórias do esporte moderno, nas olimpíadas de 1924, realizadas em Paris, França.

O filme caracteriza muito bem a época correspondente e todas as transformações que estavam ocorrendo no período, em destaque as proporcionadas/acompanhadas pelo esporte moderno e as próprias transformações dentro do esporte em si, levando-nos a pensar sobre a Inglaterra do início do século XX e, principalmente, a uma reflexão sobre o esporte moderno e a formação do caráter por meio deste, uma vez que é utilizado por seus personagens, cada um de uma maneira diferente (questão que discutiremos mais adiante), para atingir diferentes fins.

Porém, esta seria uma visão muito reduzida do enredo e de toda a simbologia que podemos encontrar neste filme. Carruagens de Fogo, por meio de seus personagens, nos mostra como a burguesia se delimita como classe social a partir das transformações ocorridas na Europa desde o século XVIII juntamente com o advento da vida moderna, instaurado pelos processos de industrialização e urbanização, assim como o esporte, dentro deste contexto, surgindo como instituição moderna e, juntamente com a educação, tornando-se mais um meio de legitimação social e de distinção de classes.

A educação burguesa e a formação do caráter esportivo.

Até a Revolução Industrial, a aristocracia viveu um período de hegemonia, uma vez que a mobilidade social era limitada e as hierarquias tradicionais estabeleciam quem

pertencia ou não a tal “condição” social (ELIAS, 1994). A partir dos séculos XVIII e XIX, observa-se uma mudança radical no acúmulo de capital e pessoas que não pertenciam às classes sociais mais altas começam a enriquecer, criando uma porosidade social e o decorrente declínio das hierarquias tradicionais. Esta nova classe em emergência, a burguesia³, tende, então, a identificar e a estabelecer a “[...] distância que a separava da ociosa e dissoluta aristocracia e dos bêbados e preguiçosos operários.” (HOBSBAWM, 1988, p. 240).

Os membros da burguesia, homens de negócios, profissionais liberais e servidores públicos dos mais altos “escalões”, não se preocupavam em obter o mesmo status da aristocracia ou recompensas materiais dos muito ricos, mas consideravam-se acima da faixa onde a compra de algo significaria renunciar à outra, como no caso da classe proletária.

[...] conforme notou um observador francês na Inglaterra, as “classes médias” consistiam “essencialmente em famílias no processo de elevar-se socialmente”, e a burguesia, em pessoas que “havia chegado” – seja no ponto mais alto ou em algum platô convencionalmente definido. (HOBSBAWM, 1988, pp. 243-244).

Na época dos grandes impérios, o impulso econômico da *belle époque* conjugado às novas formas de produção e imperialismo elaboram novas fronteiras simbólicas de pertencimento social. “Nesse século da burguesia triunfante, os membros das bem-sucedidas classes médias estavam certos da própria civilização; de modo geral, eram seguros e não costumavam lutar com dificuldades financeiras [...]”

3. Grupo social o qual teve sua origem no contexto social do Renascimento urbano do século XI, a burguesia sofreu diversas mudanças de significados ao longo do tempo. Interessa-nos, no entanto, os significados a ela atribuídos nos tempos modernos, mais especificamente a partir da Revolução Francesa e, posteriormente, da Revolução Industrial, quando de fato, segundo Silva; Silva (2006), começa a ter seus contornos sociais delineados com mais clareza, passando a se [...] “distinguir tanto das classes baixas quanto da aristocracia, aos poucos construindo uma identidade própria por meio do consumo de bens culturais, consolidando as exigências práticas dos negócios com a aquisição de uma cultura que demandava ócio, requintando seus gostos e ampliando seu papel de consumidor de cultura” (SILVA; SILVA, 2006, p. 36).

(HOBSBAWM, 1992, p. 233). A dificuldade para os burgueses, portanto, era o crescimento constante do número de pretendentes ao status burguês, numa sociedade na qual a burguesia começava a participar da formação da classe social superior. Ficava cada vez mais difícil diferenciar os então “verdadeiros” e “pseudos” membros da burguesia. Segundo Hobsbawn (HOBSBAWM, 1992), havia, essencialmente, três modos de estabelecer o pertencimento à classe neste período: o estilo de vida e a cultura de classe média, o esporte e o principal, que seria a educação. O acesso à educação demonstrava que o jovem tinha condição de “ganhar” a vida mais tardiamente, ou seja, o conteúdo da educação era secundário, sendo mais importante o status gerado pela condição de freqüentar a escola ao invés de trabalhar desde muito cedo, além do custo da educação também se caracterizar como um distintivo social. Não é a toa que o esporte se desenvolve na escola e mais tarde aparece também na universidade, onde o jovem burguês que se prepara para se formar, assumir os negócios da família e representar sua classe, tinha, juntamente com a educação, mais uma oportunidade de formação do caráter tido como ideal na época.

No final do século XIX a burguesia era formada por sociedades fechadas, na medida em que alguns círculos eram consideravelmente “mais iguais que outros”, mas educacionalmente abertas, em virtude da entrada ser possível através do dinheiro (bolsas de estudo). A exclusividade era puramente social, o esporte e a educação eram meios de manter relações entre as famílias e até uma forma de arranjar casamentos entre seus membros.

O *sportman* (verdadeiro esportista) se tornou sinônimo de *gentleman* e o cavalheirismo e o ideal de “levar na esportiva”, primando pela cortesia, lealdade e educação, tomaram conta do comportamento socialmente aceitável do período. Um

forte exemplo desse fato mostra-se na atitude tomada, no final do século XVIII, por muitos *gentlemen* ao incorporarem atividades esportivas nos seus clubes⁴, sem apostas e regulamentadas, nem tanto por regras rígidas, mas sim pelo componente do *fair-play*.

No início do século XIX, os filhos destes *sportmen* ocupavam parte de seu tempo livre nas escolas públicas com as práticas do remo, futebol, cricket e corridas, mais tarde estendidas às universidades, local onde o esporte complementaria a formação do verdadeiro burguês e o tornaria apto a assumir os negócios da família.

Por volta de 1900, a comunidade dos bancos ingleses, que controlava os negócios financeiros do mundo, consistia em algumas dezenas de famílias que moravam numa pequena área de Londres, que se conheciam entre si, freqüentavam os mesmos clubes e círculos sociais e ligavam-se através de casamentos. [...] O maior de todos os trustes, a United States Steel, foi formado por um punhado de homens em conversas informais; e finalmente concretizado durante jantares e jogos de golfe. (HOBSBAWM, 1988, p. 248).

O amadorismo tornou-se forma de distinção social, no qual a prática esportiva está apenas ligada ao prazer, de forma desinteressada, feita de cavalheirismo e camaradagem, lógica esta que será mais tarde incorporada pelo Barão Pierre de Coubertin⁵ nos discursos dos Jogos Olímpicos da modernidade.

Pois não é suficiente que haja uma elite; é preciso que esta elite seja cavalheiresca. Os cavalheiros são antes de tudo “irmãos de armas”, homens valentes, enérgicos, unidos por um laço mais forte que o da simples camaradagem, já poderoso por si mesmo; a idéia de ajuda mútua, base da camaradagem, se sobrepõe no cavalheiro à idéia de competência, de esforço oposto ao esforço por amor ao esforço, de luta cortês e sem, contudo, ser violenta. (COUBERTIN, 1935, p.44, tradução nossa)

⁴. No Brasil, a formação de associações e clubes tem seu início no começo do século XX, mas “[...] erigir políticas públicas e legislação na possibilidade de disciplinar a criação e a formação de clubes esportivos, recreativos e de lazer passou a ser cogitado na década de 1930, mas essas ações só foram efetivadas pelas ações governamentais em 1940” (ANJOS, 2004, p.65).

⁵. Pedagogo e historiador francês, vindo de família aristocrática, Pierre de Coubertin ficou conhecido na história como o fundador dos Jogos Olímpicos da modernidade, fruto da inspiração de suas visitas a colégios ingleses e estadunidenses, propondo-se a melhorar os sistemas de educação. Nestas melhorias estava a promoção da educação para o esporte, o qual acreditava ser uma parte importante do desenvolvimento pessoal dos jovens.

Segundo os ideais apregoados por Pierre de Coubertin, o esporte gera um controle dos impulsos humanos, certo apaziguamento (ideal da fraternidade presente na Revolução Francesa) e, com o tempo, um controle social maior. Parte de um projeto moderno de reforma moral educacional, o esporte faz parte de um programa civilizatório formador do caráter dos jovens burgueses.

Imagens do caráter: os homens esportivos do filme.

“O caráter de um homem é o seu destino.”
(Heráclito).

Após uma discussão sobre a influência do esporte na formação do indivíduo burguês, chegamos ao ponto principal deste trabalho, ou seja, a análise propriamente dita do filme. Aqui, nosso objetivo será entender como a formação do caráter burguês por meio do esporte é abordada pelo diretor e veiculada na obra fílmica.

Ao analisarmos o filme Carruagens de Fogo, tomamos o caminho da construção dos personagens, perseguindo os acontecimentos esportivos que o diretor escolhe para nos fazer entender o espírito de cada personagem. Entendemos, pois, que as condições e disposições esportivas vividas são formas que o diretor encontra para compor seus diferentes caracteres, abre uma série de sentidos esportivos possíveis. O diretor usa o esporte para modelar o caráter dos personagens, a eles conferindo diferentes espíritos esportivos. E, ao estabelecer um padrão de vitórias e derrotas nas competições realizadas, aponta para o estabelecimento histórico de certo espírito esportivo, bem como o declínio e a perda de sentido de outros espíritos ou valores esportivos.

Em nosso caso, entendemos que Carruagens de Fogo nos mostra diferentes apropriações e usos do esporte na formação do caráter de três personagens: Eric Liddell, Lord Lindsay e Harold M. Abrahams.

Antes de entrarmos numa discussão mais profunda e individualizada do papel assumido pelo esporte na formação do caráter desses personagens, precisamos discutir um pouco sobre o caráter. O que seria o caráter?⁶ Na etimologia grega, caráter é “[...] o que grava, sinal gravado, marca, traço particular do rosto, natureza particular de alguém, marca de estilo.” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 620). A partir desta definição, pensamos estar o caráter, intimamente ligado ao modo de ser e de se comportar de um indivíduo, ou seja, as características particulares que acabam por distingui-lo de outro. No entanto, não acreditamos num caráter natural e imutável, mas concordamos com Abbagnano (2000, p.17), que em seu dicionário de filosofia nos diz que:

[...] o caráter é a manifestação objetiva, verificável através da experiência social, da própria personalidade humana. Não só o caráter é um “conceito social”, no sentido de que se pode falar de caráter referindo-se à conexão de um homem com o seu ambiente, mas também os traços ou as disposições que constituem o caráter são verificáveis apenas socialmente. [...] Substancialmente, o caráter é o modo como o homem toma posição diante do mundo natural e social; e Adler baseia sua avaliação em dois pontos de referência: a vontade de poder e o sentimento social, que, com sua ação recíproca, constituiriam os aspectos básicos do caráter.

Partindo desse pressuposto, torna-se importante pensar que o mesmo esporte moderno, inglês e conservador, o qual traz consigo um ideal específico de formação do caráter, é assimilado e apropriado de forma diferente pelos personagens do filme, ou seja, refletir como o esporte agiu sobre eles, moldando-lhes caracteres diferentes e voltados para interesses distintos.

⁶. Não é nosso intuito fazer uma discussão aprofundada sobre o conceito de caráter, mas apenas apresentar alguns elementos que fundamentam nosso entendimento acerca deste e possibilitem ao leitor maior compreensão das discussões futuras.

Acreditamos que, ao se referir a uma conexão do homem com seu ambiente, ou seja, ao resultar de experiências sociais como também individuais da própria personalidade, o caráter possa ser encarado como uma consequência das opções feitas pelo próprio indivíduo e as quais,

[...] não são absolutamente livres nem necessárias, mas condicionadas por elementos orgânicos, ambientais, sociais etc.; e, em suas constantes observáveis, delineiam um *projeto de comportamento* no qual coincidem o caráter e a personalidade do homem. (ABBAGNANO, 2000, p. 117, grifo do autor)⁷.

Podemos dizer, portanto, que o esporte, ao ser encarado como um desses elementos é responsável por gravar e deixar marcas civilizatórias nas pessoas, educando-as, ou seja, ainda que respeitando certas individualidades, formando seu caráter.

Visto isso, entramos definitivamente na análise do filme e dos personagens, tratando de suas diferenças e peculiaridades na formação do caráter de forma individualizada, porém não deixando de fazer as ligações e comparações necessárias e não esquecendo o todo da obra.

Eric Liddell

Liddell é um personagem que nos traz uma discussão diferenciada acerca do esporte, pois, uma vez nascido no oriente, filho de pais escoceses e missionários, mantém uma relação muito profunda com o sagrado e com a religião, o que certamente influenciou sua renúncia à uma carreira de sucesso como um bom e reconhecido jogador de rugby (especialmente por ser muito veloz e, sendo assim, um corredor fenomenal), levando-o a trilhar o caminho do pai e da irmã, tornando-se missionário, uma vez que acreditava ser mais gratificante o sorriso e a felicidade daqueles que ajuda

⁷ No texto original de Abbagnano, a palavra caráter é abreviada pela letra “C.”

do que ganhar, com o esporte, apenas em benefício próprio. Tal fato certamente veio refletir em sua apropriação futura do esporte, porém não mais como jogador de rugby, mas como corredor. Vivendo no ambiente das montanhas e circulando em comunidades camponesas, Liddell representa um homem bom, “natural”, puro e simples, o qual mantém uma relação próxima com sua irmã e seu maior desejo é sentir a manifestação divina, honrando a Deus através do bom uso de seu dom, a velocidade.

Dadas tais características e influências culturais, Liddell assume uma relação mística, se assim podemos dizer, com o esporte. Sendo seu desejo sentir a manifestação divina e honrar a Deus por meio de seu dom, ele vai utilizar o esporte como meio para alcançar seu objetivo, encontrar Deus e fazer com que as pessoas fiquem maravilhadas com suas conquistas através da fé.

Durante o filme isto fica claro em seus diálogos e nos cenários em que aparece, quase sempre em locais abertos, paisagens da Escócia, um país distante e tradicional, como também em seu figurino, sempre com trajes e roupas simples e sua relação com as crianças e com sua irmã.

O caráter esportivo assumido por Liddell, considerando as características atribuídas ao esporte por Guttman (1978)⁸, se aproxima muito de práticas corporais gregas e romanas, nas quais, apesar da presença de muitas das características do esporte moderno, há forte presença da não secularização⁹ e sua prática revela sua ligação com o sagrado. Apesar desta não secularização, que aproxima Liddell dos gregos e romanos, sua prática também apresenta as demais características do esporte moderno apontadas

⁸. Guttman, em seu livro *From Ritual to Recorde: The Nature of Modern Sports*, traz uma discussão acerca das características presentes na sociedade assumidas pelo esporte moderno e as quais viriam diferenciar o fenômeno esportivo de práticas anteriores como, por exemplo, as práticas primitivas, gregas, romanas e medievais. Segundo o autor tais características assumidas pelo esporte moderno são: secularidade, igualdade, especialização, racionalização, burocracia, quantificação e recordes.

⁹ Entende-se por secularidade o estado de estar separado de uma organização religiosa.

por Guttman, bem como o próprio fato de Liddell viver no período moderno e não no período clássico. Outra discussão interessante é o fato de Liddell apresentar um caráter “natural” do esporte, trazendo à tona a questão dos valores pregados dentro da instituição esportiva, os quais são passados à sociedade, como a moral e a saúde. Liddell, ao manter sua opção religiosa, não fuma, não bebe e não faz uso de práticas que prejudicariam seu corpo e seu espírito, sendo considerado um verdadeiro homem de princípios. Esta discussão também é feita por Georges Vigarello, o qual coloca o esporte como expressão mítica da sociedade contemporânea, uma cidadela ideal onde tudo é perfeito:

É num mundo sem transcendência [...] que o jogo poderia ser mais massivamente valorizado. É neste mundo também que ele realça todo seu valor modelar, construindo réplicas ideais [modelos] de nós mesmos [...]. Ele fabricou uma cena na qual se exibem a igualdade de chances, o valor do mérito e a imparcialidade [...]. O risco é que a força da crença faz esquecer toda a cegueira que este mito pode causar (VIGARELLO, 2002, pp. 205-206, tradução nossa).

Lord Lindsay

Como membro da nobreza inglesa, para além do título de “Lord”, Lindsay carrega consigo diversos emblemas e características, demonstrados ao longo do filme por meio de suas atitudes (extremamente alegre e com ar extrovertido), figurinos (roupas elegantes, chapéu, charuto) e cenários/lugares que frequenta (universidade, casa de campo), os quais o colocam como um típico representante do espírito amador.

Neste ideal, o jogo e futuramente o esporte, atuam na educação para o estilo de vida, o qual está baseado na aliança social, no pacto de cavalheiros, representando um meio para a manutenção do status. É neste sentido que, para Lucena (2001), o esporte se tornou um dos principais meios de identificação coletiva dentro de uma sociedade, sendo um elemento capaz de dar sentido à vida de indivíduos cada vez mais voltados a si mesmos (sociedade capitalista individualista).

Segundo Bracht (2003), o amadorismo se configura como uma estratégia de distinção social, com a idéia de “atividade desinteressada”, sendo um exercício de violência simbólica, ao se confrontar com os interesses dos trabalhadores (conflito social básico da sociedade capitalista: capital x trabalho). Este pensamento amadorista pode ser descrito a partir de regras de conduta desejáveis e estabelecidas na época, quando o:

Cavalheirismo desportista é a applicação nos sports da Regra Aurea: jogo leal, justiça e conducta nobres nas praticas de atletismo. É uma qualidade moral como a honestidade, a franqueza, a lealdade, a cooperação, e tudo que, realmente, comporta o procedimento fidalgo que se não obtem por hereditariedade biológica. [...] Um verdadeiro athleta amador nunca se prestará intencionalmente a enganar sua representação, possibilidade, habilidade ou intenção, nem continuará competindo como tal depois de abandonar o espirito de amadorismo. (RUBI, 1934, p. 47).

Sendo assim, o amador só poderia se distinguir no esporte se pudesse dedicar a ele mais tempo que os operários tinham para tal, ao menos se estes fossem pagos. Desta forma, o profissionalismo (que envolveria mais o capital em detrimento das relações sociais) era rejeitado pela aristocracia, pois seria uma maneira de se igualar ao proletariado. Os elementos do caráter popularesco do esporte, ou seja, a força, o suor e os excessos do corpo não estão presentes no âmbito esportivo aristocrata e burguês, pois os esportes característicos da aristocracia e, conseqüentemente da burguesia na época caracterizavam-se por jogos praticados dentro das universidades, fato retratado logo no filme por meio de um jogo de críquete entre os estudantes realizado em uma sala da própria Universidade.

O jogo de críquete, assim como outros jogos praticados entre os estudantes da universidade, demonstra claramente a importância dada ao estabelecimento de melhores relações sociais durante a partida, sendo o espaço do jogo, do esporte, um momento de descontração ao mesmo tempo em que se configura como um espaço de

estabelecimento de laços mais íntimos entre pessoas que irão negociar, comportamento este estritamente burguês, permitido justamente pela prática do jogo. Para o burguês “legítimo”, o jogo em si não é o mais importante, mas sim os laços sociais envolvidos no mesmo. O esporte e a educação são utilizados como meios para o alcance de outros objetivos, por exemplo, a educação burguesa para os negócios.

Diversas foram as situações observadas por nós ao longo do filme que comprovam o estilo de vida e o ideal amador assumido por Lindsay perante o esporte. No entanto, duas destas situações se destacam pela maior clareza do posicionamento assumido pelo personagem diante dos acontecimentos. A primeira, Lindsay e Sibyl, uma cantora pela qual Abrahams (personagem que trataremos a seguir) se apaixona, tomam chá em sua casa e conversam sobre Abrahams. Sibyl tem medo de perdê-lo por ele estar “fissurado” no esporte e Lindsay explica a ela a posição de Abrahams de ganhar a qualquer custo, a qual é diferente da sua, em que o esporte é diversão.

Nesta cena, percebe-se que diferentemente de Abrahams, Lindsay não quer provar nada através do esporte, para ele trata-se apenas de diversão e uma forma de se socializar com seus amigos, como também de formar novas amizades e novos laços. Além de o diálogo deixar clara sua posição amadora e contrária à posição de Abrahams, a cena mostra sua casa e sua relação com o esporte, no momento em que, logo após seu diálogo com Sibyl, corre saltando barreiras com taças cheias de *champagne* em cima de cada uma delas. Esta cena retrata o caráter amador de Lindsay em relação ao esporte, aliando este sempre à diversão e a um estilo de vida peculiar da aristocracia, no qual se baseia a burguesia para a elaboração de um “estilo de vida burguês”, o qual somente é possível através do enriquecimento desta mesma classe.

O estilo das casas suburbanas, assim como a de Lindsay, torna-se comum entre os burgueses neste período. Para Hobsbawm (1992), no início do século XX, a casa ideal para este grupo social burguês não se caracterizava simplesmente como uma casa ou apartamento na cidade, mas sim como uma casa de campo urbanizada, “[...] subúrbios construídos especificamente para remover as classes médias da proximidade de seus inferiores.” (HOBSBAWM, 1988, p. 235). Este novo estilo de vida, da casa e jardins suburbanos, serviria mais como uma maneira para que pudessem se estruturar como agrupamento social. Nestas casas, a vida privada era inseparável da vida pública, servindo como forma de demonstrar o prestígio e os recursos de um membro da elite aos membros das classes inferiores, além de manter as relações públicas, organizando o jogo de interesses da classe.

A outra cena que coloca Lindsay como um nobre pertencente à aristocracia, conforme havíamos dito, trata-se de uma cena em que, reunidos numa sala, o príncipe da Inglaterra, membros do Comitê Olímpico Inglês e Liddell, decidem seu futuro com relação à corrida do domingo, a qual ele se recusa a correr por suas crenças religiosas, uma vez que esta se realizaria no dia sabático, sagrado em sua religião, e tem o problema resolvido por Lindsay que, num ato de cavalheirismo, cede sua corrida para o amigo, uma vez que já havia ganhado sua medalha, demonstrando mais uma vez sua atitude amadora.

Estas cenas colocam em conflito exatamente os ideais amadores e profissionais, ao destacar as atitudes de Lindsay, típico aristocrata. Tais atitudes se confrontam com as de Harold Abrahams, judeu que pretende fazer parte desta classe social, mas que possui valores, em relação ao esporte, mais próximos dos valores do profissionalismo.

Lindsay, portanto, representa o legítimo inglês, membro da aristocracia, um homem sociável, coligado, sendo seu principal desejo expandir suas redes sociais, utilizando o esporte como importante meio para tal. Com isso, podemos dizer que Lindsay assumiu um caráter esportivo amador, no qual o esporte é apenas diversão e meio para atingir seus objetivos sociais na formação de laços entre “iguais” e na manutenção de sua posição aristocrata. No filme este fato é observado por meio dos diálogos e das cenas mencionados, suas relações com os colegas de universidade, nos cenários nos quais aparece, por exemplo, sua casa suburbana, restaurantes, teatro, bem como por meio de seu figurino, estando sempre bem arrumado, com roupas bastante refinadas e adereços como cachecol, chapéu ou ainda em alguns outros detalhes, como o *champagne*, quase sempre presente.

Harold M. Abrahams

“Eu me sinto um estrangeiro.
Passageiro de algum trem,
que não passa por aqui,
que não passa de ilusão”.

(A Revolta dos Dandis - Engenheiros do Hawaii).

Inglês, porém de origem judia, Harold M. Abrahams é um rapaz jovem, muito sério e enérgico, que apesar do dinheiro de sua família, seu estilo de vida burguês e o acesso a universidade, é vítima de preconceitos pelo fato de ser judeu. Tais preconceitos, apesar de muito sutis, são percebidos na relutância de um aperto de mão ou na agudeza de um comentário, o que lhe causa uma sensação de dor e de abandono muito grande.

É neste sentido que Abrahams, num jantar com Sybil, uma cantora muito bonita por quem se apaixona e a qual se tornará sua futura namorada, se auto-retrata como “meio carente” com o uso de uma metáfora, dizendo que lhe dão a água, mas não o deixam bebê-la, remetendo-se ao fato do preconceito contra o judeu, um grupo minoritário que teria uma ligação especial com o capitalismo, com redes fechadas de lealdade e transações comerciais. Segundo os ideais amadoristas e burgueses vindos da aristocracia, seu comportamento agressivo e mercantil feria o estabelecimento das relações sociais dentro da classe, representadas pelo amadorismo e pelo personagem Lindsay.

Sendo assim, para Abrahams, além do acesso à classe burguesa dado pela educação (Universidade), o esporte (correr) era mais uma arma contra ser judeu, uma forma de se provar melhor, de se legitimar nesta mesma classe, afinal, seguindo as idealizações de Pierre de Coubertin, não existe nada mais democrático que o esporte, pois dentro deste, não importaria quanto capital se possuía ou a qual linhagem (família, nome) se pertença, mas sim o esforço de cada um, que é o caminho para se conseguir o que deseja. Neste mesmo raciocínio, numa prova de corrida, o que determina o vencedor seria apenas o seu próprio esforço: idéia da “democracia do esforço”, na qual todos podem ser iguais; ideal de igualdade, romântico, remetendo-se à Revolução Francesa.

Contudo, ao continuar com esta obsessão pela vitória, Abrahams contrata um treinador profissional, Sr. Mussabini, trilhando um caminho mais próximo do profissionalismo, rejeitado e banalizado pela burguesia e aristocracia.

Ao trilhar este caminho, Abrahams se aproxima de ideais inovadores à época descrita no filme, os quais acredita ser a melhor maneira de alcançar seu objetivo, o de

pertencimento pleno da classe burguesa. Sendo assim, por meio da corrida e da Universidade, Abrahams pode provar para si e para a sociedade burguesa, que, apesar de ser judeu, ainda assim continua sendo um inglês, no sentido de poder ser considerado um “legítimo” burguês.

No entanto, essa postura vem de encontro àquela proposta pela Universidade, a qual defende o amadorismo como prática esportiva ideal, na qual os jogos seriam indispensáveis para completar a educação de um inglês, que no caso seria o burguês “legítimo”, pois formam o caráter e fomentam a coragem, a honestidade, a liderança e acima de tudo o “espírito de lealdade, camaradagem e responsabilidade mútua”. Diante deste fato, Abrahams sofre duras críticas dos diretores da Universidade, os quais criticam seu comportamento ao contratar um treinador profissional, uma busca pelo sucesso o faria se distanciar destes ideais.

Os amadores não deverão competir “para as galerias”, com o objetivo de merecer aplauso público. As apreciações dos espectadores deverão ser ouvidas, simplesmente, e passadas por alto. (RUBI, 1934, p. 48).

Para os diretores, seguindo os ideais da Universidade, o amadorismo seria o único meio que propiciaria caminhos satisfatórios para os objetivos do burguês. O verdadeiro esportista deveria competir como cavalheiro e não como comerciante, dizendo que a atitude de Abrahams se configurava como uma atitude plebéia, distante da atitude nobre de um inglês. Abrahams coloca, então, que não pretende vencer a todo custo, mas ganhar dentro das regras do esporte, demonstrando seus valores ligados ao profissionalismo.

Diante do exposto, fica clara a principal discussão que o diretor pretende expor com o personagem de Abrahams, que seria o caráter profissional, o qual vinha, aos poucos, ganhando espaço no esporte. Apresentado como um homem excluído e

despatriado pelo fato de ser judeu, o maior desejo de Abrahams era pertencer à burguesia definitivamente, e mais, se provar melhor que todos, vencendo-os na corrida.

Seu objetivo, portanto, era por meio do esporte, alcançar o pertencimento social. Seu estilo sério, concentrado e objetivo, é demonstrado no filme através de seus diálogos, dos lugares que frequenta, sempre ambientes urbanos, mas que, ao mesmo tempo, representam formas de pertencimento à burguesia, como por exemplo, a Universidade, restaurantes, teatros, pistas de atletismo (representando o esporte), como também através de seu figurino, estando sempre bem vestido, porém com roupas simples, sem muitos adereços como chapéu, charuto, dentre outros encontrados em Lindsay. Outro fato que nos mostra este medo e receio com o que as pessoas pensam de si são suas relações, uma vez que mantém maior proximidade e contato apenas com Sibyl e com seu amigo Aubrey Montague, mantendo certa distância e desconfiança para com outras amizades e contatos.

Abrahams encarna certamente o espírito do esporte moderno, tendendo ao profissionalismo, diferentemente de Liddell e Lindsay. Exatamente por tender a este novo ideal esportivo e por utilizá-lo como meio para pertencer, é que este personagem nos traz uma discussão muito interessante sobre o esporte como meio para a inclusão social, visto também que nos dias atuais este parece ser o principal discurso presente no esporte.

“Os Carruagens de Fogo”.

“A memória é uma ilha de edição.”
(Vinheta - O Rappa / Waly Salomão).

Aqueles que já tiveram a oportunidade de conhecer como funciona uma ilha de edição¹⁰ não de concordar plenamente com Waly Salomão ao pensar nesta analogia por ele proposta. Na memória, assim como em um programa de edição, são poucos os limites, aliás, na memória esses realmente não existem. Podemos recortar daqui e colar ali, aumentar e diminuir, passar mais rápido, mais devagar, de trás para frente e até mesmo inventar coisa novas. Enfim, fazemos muitas coisas com as imagens guardadas em nossa memória para construir, desconstruir e reconstruir os fatos, acontecimentos e experiências que queremos lembrar, representar ou ainda documentar.

No cinema as coisas funcionam mais ou menos como na memória, e o editor, o responsável pelo objeto final (o filme) e por aquilo que este representa é o diretor¹¹. Sendo assim, podemos dizer que encarar o cinema como uma produção humana, como arte, é encará-lo como fruto de uma cultura e que traz consigo impressões e marcas de uma sociedade.

O esporte, por sua vez, assim como o cinema, deve ser encarado como uma produção humana, fruto de uma cultura e carregado de símbolos e significados que nesta estão presentes. Podemos dizer, portanto, que o esporte é responsável por gravar e deixar marcas civilizatórias nas pessoas, educando-as, ou seja, formando seu caráter. No filme, podemos pensar que o esporte “marca” os três personagens por nós apresentados

¹⁰. Uma ilha de edição é um sistema de interligação de aparelhos de áudio e vídeo a um computador com a finalidade de montar materiais gravados. As matrizes são colocadas no computador através dos aparelhos a ele conectados e no computador este material é editado através de um *software*. Terminada a edição o produto final é gravado em mídia para que possa ser veiculado, podendo ser um CD, um DVD, uma fita cassete e ou ainda uma película (material utilizado no cinema).

¹¹. Segundo Almeida (2001), no cinema o conceito de autoria é um pouco diferente do aplicado em outras artes, nas quais apenas uma pessoa é responsável por todo o processo que resultará no objeto final do trabalho. Para que um filme fique pronto são necessárias diversas pessoas, cumprindo tarefas diferentes e as quais, em sua maioria, não têm conhecimento do todo. Isto se faz necessário uma vez que o diretor não tem conhecimento e domínio de tudo, porém quão maior for o seu domínio sobre todo o processo, maior será a marca pessoal que este deixará sobre o objeto final, ou seja, mais ele se aproximará do ser autor no sentido pleno, trazendo ao espectador a sensação de estar diante de algo artístico.

de maneiras diferentes, ou seja, não há apenas um caráter esportivo. Cada personagem, a partir de sua história e ideais, encontra no esporte uma possibilidade de reconhecimento de sua própria cultura, seja ela religiosa ou social.

Liddell nasceu no oriente, filho de pais escoceses e missionários, uma cultura diferente que acabou por influenciar sua apropriação do esporte, utilizando-o como meio de sentir a manifestação divina e honrar a Deus com seu dom, a velocidade, assumindo um caráter esportivo natural, aproximando sua prática com uma verdadeira expressão de fé. Lindsay por sua vez, inglês, membro da aristocracia, recebeu influências de outra cultura, passando a encarar o esporte como diversão e meio para estabelecer e manter relações sociais e assim ampliar os laços entre “iguais”, assumindo um caráter esportivo amador.

No entanto, o problema se instala quando o esporte encontra alguém que, a priori, aparece sem história, sem casa, sem família, “sem cultura” reconhecida (Abrahams). Inglês, porém judeu, Abrahams sofre com o preconceito ligado à sua origem, principalmente pela ligação desta com a maneira que ascendeu à classe burguesa (o comércio de seu pai). Ao encontrar este personagem fragilizado psicologicamente, o caráter do esporte profissional vem à tona. Neste caso, o esporte trata-se de um lugar onde Abrahams pode encontrar algum reconhecimento.

Em termos históricos, é interessante pensarmos que, neste momento (começo do século XX), o mundo está passando por uma série de transformações e, sobretudo, ondas imigratórias. O neo-colonialismo e as guerras geraram um amplo número de pessoas exiladas. Não é por acaso que o caráter esportivo profissional, no filme, está vinculado ao personagem do judeu, um grupo minoritário, sem pátria definida e que

constituíram verdadeiras redes fechadas de ajuda mútua e lealdade, ascendendo socialmente e conquistando o nível da classe burguesa.

Ao colocar Abrahams como protagonista, o diretor parece defender a tese de que o esporte moderno, nas Olimpíadas de Paris, passou por uma transformação de sentido. Abrahams é o protagonista e porta-voz de um novo padrão esportivo de comportamento, de um novo caráter formado por meio do esporte. A partir desta Olimpíada começa a haver uma tendência para o profissionalismo, o qual foi ganhando força e evoluindo até chegar como o conhecemos em nossos dias, dominando praticamente todas as modalidades esportivas. No entanto, ainda é possível observar modalidades que alguns elementos do amadorismo estão presentes, como por exemplo, o hipismo, no qual não basta apenas a vontade, pois o estilo de vida e a formação são importantíssimos. Observando-se as roupas utilizadas pelos praticantes, o alto custo de um cavalo, bem como o custo para manter o animal, podemos concluir isto. São diversos os fatores envolvidos na prática que limitam o acesso de qualquer pessoa, estando em condições de praticar tal modalidade apenas uma pessoa que atenda a determinadas exigências, neste caso membros de uma classe favorecida.

A partir da idéia de mudança de rumos no esporte e no caráter esportivo assumido pelos atletas a partir dos jogos olímpicos de 1924, podemos pensar que o homem esportivo do futuro é um despatriado, um homem sem lugar e sem história, ou seja, o esporte, apesar de ser demonstrado debaixo de um signo nacionalista, é praticado por homens que abrem mão de sua pátria por uma necessidade de ser incluído num sistema, seja ele social, financeiro ou ainda a união de ambos. O esporte passou a ser praticado com valores deste homem migratório, que perdeu seu lugar, ou seja, o

estrangeiro despatriado (que quer se incluir) seria a própria condição do homem esportivo.

Nos dias atuais isto é visto com frequência, sobretudo no Brasil, no momento em que jogadores de futebol¹² deixam seu país para defender times estrangeiros, vivendo nestes países e voltando cada vez menos ou mesmo não voltando ao seu país de origem. Em alguns casos tais atletas se naturalizam ou pedem cidadania estrangeira, vindo a defender, inclusive, outras seleções que não a sua de origem. Este fato ocorre por diversos fatores que podem ser a fama, o dinheiro ou simplesmente o fato de este atleta dificilmente ter a chance de defender sua seleção enquanto em outro país esta oportunidade lhe é oferecida. Outro fator interessante diz respeito aos grandes e rentáveis patrocínios, os quais, com um contrato de exclusividade, fazem do atleta um verdadeiro homem despatriado, ficando a mercê de seu patrocinador e “migrando” para onde este vê interesse. O atleta passa a estar sob o signo de uma empresa/laboratório multinacional e não mais de um país, de uma nação. Sendo assim um novo conceito de nacionalidade é criado, trazendo novas discussões sobre pertencimento e rumos do fenômeno esportivo.

Neste caso, torna-se interessante pensar como o diretor, no início da década de 1980, olha para o início do século XX e reproduz este olhar através de um filme (Carruagens de Fogo). Pensar ainda, que assim como o diretor, nós também olhamos para este tempo, porém através de seu olhar e aproximadamente trinta anos depois da produção do filme, encontrando nele algumas inquietações, as quais tentamos abranger com este trabalho.

¹². O futebol é o exemplo mais comum, porém este fato também ocorre, embora em menor escala, com outras modalidades.

Referências Bibliográficas

A Revolta do Dândis. Engenheiros do Hawaii. **Acústico MTV – Engenheiros do Hawaii**. Faixa 17, ASIN: 602498219959 Universal Music. 2004. 1 CD-ROM.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMEIDA, M. J. **Cinema Arte da Memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

_____. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção questões da nossa época; v. 32).

ANJOS, José Luiz dos. O “popular” no futebol do interior de São Paulo. **Revista Conexões: educação, esporte, lazer**. Campinas, v. 2, n. 2, p. 60-74, 2004.

BLOCH, M. **Apologia da história** ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, P. Como se pode ser esportivo? BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção educação física).

CARRUAGENS de Fogo. Direção: Hugh Hudson. Fox Home Entertainment do Brasil, 1981. 123 min., color, legendado. (Tradução de: Chariots of Fire - DVD. Drama).

COUBERTIN, P. **Las bases filosóficas del olimpismo moderno**. [S.l.]: [s.n.], 1935.

DANAIOLOF, K. **Corpos e cidades: lugares da educação**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

DUNNING, E.; ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.

FERRO, M. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J., NORA, P. (Orgs.). **História: novos objetos**. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro. : F. Alves, 1976.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. (Coleção educação física).

_____. Jogos olímpicos e desafios: Carruagens de fogo. In: MELO, V. A.; PERES, F. F. (orgs.). **O esporte vai ao cinema**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005. p. 65-73.

HERÁCLITO. **Fragments: origem do pensamento**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2006.

HOBBSAWM, E. J. **A Era dos Impérios: Eurpoa - 1975-1914**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A Era das Revoluções: Europa – 1789 – 1848**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 4.ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1993.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUCENA, R. F. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. (Coleção educação física e esportes).

MELO, V. A. **Cidade Sportiva**: o turfe e remo no Rio de Janeiro (1849-1903). 178 f. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

_____. **História da educação física e do esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. 2.ed. São Paulo: IBRASA, 1999.

PILATTI, L. A. A interpretação do esporte na obra de Eric J. Hobsbawm: um olhar sobre a sociedade burguesa. **Revista Conexões**: educação, esporte, lazer. Campinas, v. 1, n. 2, p. 7-24, jun. 1999.

_____. Guttman e tipo ideal do esporte do esporte moderno. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. – (Coleção educação física e esportes) p. 63-76.

PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA, Ricardo F. (Orgs.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. – (Coleção educação física e esportes) p. 31-61.

RUBI, C. Cavalheirismo desportista. **Revista Educação Physica**. v. 2, n. 4, p. 47-48, 1934.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

SILVA, K. Vi.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica no século XIX. 2.ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Educação Física**: Raízes Européias e Brasil. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

TARKOVSKI, A. A. **Esculpir o tempo**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGARELLO, G. **Du jeu ancien au show sportif: la naissance d'un mythe.** Paris:

Éditions du Seuil, 2002, pp. 205-206.

Vinheta. O Rappa. **O silêncio que precede o esporro.** Faixa 11, ASIN: 5050466891723

Warner Music. 2003. 1 CD-ROM.